

O SENHOR
DOS NAVEGANTES

F E R R E I R A D E C A S T R O

O SENHOR
DOS NAVEGANTES



© 1998, Herdeiros de Ferreira de Castro e Parque EXPO 98, S.A.

A publicação de O Senhor dos Navegantes foi gentilmente autorizada
pelos herdeiros de Ferreira de Castro.

Ilustração e Design
Luís Filipe Cunha

Tiragem
5000 exemplares

Composição
Fotocompográfica

Seleccção de Cor
Grafiseis

Impressão e Acabamento
Printer Portuguesa

Depósito Legal
118 594/97
ISBN

972-8396-39-2

Lisboa, Fevereiro de 1998

Branca, airoso, pequenita, erguida sobre o tope de uma colina, a Capela do Senhor dos Navegantes divisava-se de longe, como um farol. E a ela, mais do que uma luz que brilhasse na noite atlântica, os pescadores enviavam esperanças e desesperos quando em graves riscos se viam nas cavas e lombas do mar. Porque ficava alta, ao fim de íngreme, pedregoso carreiro, raras gentes lá iam, salvo em dia de festa, com morteiros e filarmónica, uma vez

cada ano. Fascinado pela sua solidão e largueza panorâmica, eu encontrara, porém, maneira de a atingir, naquelas tardes de Estio, sem me fatigar. Para subir às montanhas, um livro vale mais do que um bordão — e, com um livro sob o braço, punha-me a caminho. Logo que as pernas se cansavam, sentava-me e lia, enquanto os melros iam cantando nas velhas árvores da encosta. Sem o livro, pequeno seria o meu repouso e continuaria a ascensão antes de refeito, que a tendência de quem anda, leve rodas, leve hélices ou apenas, modestamente, os pés com que nasceu, é, já se sabe, chegar com brevidade ao ponto de destino — mesmo que nada tenha lá que fazer. Com um livro, é outra coisa. Sendo bom, prende-nos mais tempo do que os braços de uma mulher e só desejamos interromper a sua leitura no final de um capítulo ou em parágrafo onde possamos retomá-la facilmente. Entretanto, as pernas recobram forças.

Naquela tarde, quando cheguei ao adrozo do Senhor dos Navegantes, demorei-me a contemplar o mar vasto que dali se descortinava, então muito sereno, com suas velas graciosas e fugidias. Em baixo, estendia-se a grande praia semi-selvagem. À direita, rompendo de entre um pinhal e com o seu verde contrastando, espareciam casitas modernas, todas faceiras e coloridas, ao passo que, da banda oposta, aglomeravam-se as barracas dos pescadores, em forma de ilha sobre a areia e tão velhas, negras e roídas pelos anos como se fossem as mesmas que deixaram ali os primeiros habitantes do litoral. Dir-se-ia que o tempo parara do lado onde se trabalhava rudemente ao sol, muitas vezes de colaboração com a morte, para se activar apenas naquele onde se descansava à sombra tranquila dos pinheiros.

Após esse longo olhar de amor com que

todos os dias eu envolvia o oceano, a terra e o céu, sentei-me e dispus-me a ler, como de costume. Logo, porém, que abri o livro, um rumor veio de dentro da capela. Surpreendido, voltei-me e notei que a porta estava semiaberta. Era a primeira vez que isto me acontecia. Até então, eu encontrara sempre ali o maior silêncio, um abandono total, com esse sabor poético, fino, voejante, que parece destilado pelo ar e é próprio das ermidas que padroam as montanhas. Agora, os rumores continuavam. Senti passos e vi um homem transpor a porta. Trazia os braços fechados sobre numerosos ex-votos — barcos de cera e pequenos quadros, ingênuas pinturas feitas sobre madeira. Ao dar comigo, estacou, contrariado; teve, em seguida, uma expressão incerta, logo um movimento de indiferença, por fim dirigiu-se para o extremo do adro. Desse lado, o flanco da colina descia quase a pique,

até um matorral que se estendia lá em baixo. Era um terrível despenhadeiro e, para defesa de quem vinha ao Senhor dos Navegantes, haviam construído um murozito, que, da banda de dentro, formava bancada em semicírculo. Ali o homem se sentou, a uns quatro metros de mim.

Descontente com a sua presença inoportuna, eu ia baixar, de novo, os olhos sobre o livro, quando ele me disse:

— Provavelmente, o senhor pensa que sou um ladrão... Não é verdade?

É certo que eu havia pensado isso, um momento antes. Havia mesmo avaliado as suas forças em relação às minhas e concluído que talvez ele me vencesse, em caso de luta. Não que fosse mais novo; devia ter uns cinquenta anos maltratados, enquanto eu não chegara ainda aos trinta; mas o seu corpo era mais robusto e os braços muito mais possantes do

que estes, tão franzinos, de que eu me servia para pegar no livro. Os seus olhos não precisavam de óculos, ao passo que os meus, sem auxílio de vidros não me permitiriam dar dois passos seguros, mesmo para fugir. E embora as linhas físicas dele não se mostrassem rudes, o fato que trazia, gasto, poeirento, e não sei mais o quê do seu todo, sugeriam a ideia de homem habituado a trilhar as estradas do mundo, de varapau na mão, ao assalto da vida.

Hesitei, talvez, alguns segundos a responder-lhe, porque ele, antes de me ouvir, acrescentou:

— Não, não sou um ladrão. Isto — e apontava os ex-votos — pertence-me. Eu é que não os mereço...

Definitivamente perturbado, respondi, enfim, qualquer coisa, não me recorda o quê, uma necessidade por certo, e ele voltou:

— O senhor não é de cá, pois não? Está a veranejar na praia?

— Estou.

— Logo vi. A gente da terra não tem tempo para vir ler aqui para cima. Bem lhe basta o trabalho.

Não entendi logo se ele falava assim para me ser desagradável ou simplesmente para demonstrar a sua perspicácia.

Os seus olhos voltaram a fixar-me. Pareceu-me ver neles um lume de ternura, mas senti-me novamente humilhado ao ouvi-lo dizer:

— O senhor esteja à sua vontade. Eu não me demoro. E não tenha medo de mim. Não faço mal a ninguém. Todos nós, é certo, já algum dia fizemos mal — e eu fiz um grande mal, mas isso foi há muito ano... — A sua voz repetiu, de modo profundo: — Há muito ano...

— É claro que não tenho medo — declarei, num tom frio. Na verdade, porém, eu enervara-me. Tornei a abrir o livro e fingi ler.

O homem calou-se. Vergado sobre os ex-votos, as suas mãos iam desfazendo os barcos de cera e arremessando-os para o abismo, para o sarçal que havia lá no fundo. Deles reteve apenas a extremidade de um mastrozito com a sua bandeirola, que fez voltejar na ponta dos dedos, com o sorriso de meiguice que se tem para as coisas frágeis, e logo enfiou na botoeira do casaco. Depois, estendeu o braço, agarrou uma pedra e deu-se a partir os quadros onde se viam embarcações de pesca em luta com o mar embravecido e o Senhor dos Navegantes de pé sobre nuvens. Todos eles tinham datas, algumas seculares, e legendas de reconhecimento, com muitos erros ortográficos e mal desenhadas letras. O homem lia-as antes de despedaçar as peque-

nas tábuas onde elas estavam inscritas e, em seguida, lançava os destroços lá para baixo, para o mesmo lugar dos barquitos de cera. Entretanto, parecia falar sozinho:

— Nunca salvei ninguém... Ninguém! Eu bem o desejaria fazer, mas já não tinha força para isso. Se estes se livraram da morte, foi apenas por circunstâncias favoráveis...

Levantou-se e voltou a entrar na capela. Pensei ser o momento de me retirar. Ele ia julgar que eu era covarde, mas isso não me importava. «Verdadeiramente», disse a mim próprio «o que busco nesta colina é sossego e sossego, hoje, não existe aqui.»

Antes, porém, de eu haver tomado uma decisão definitiva, o homem surgiu, novamente, no adro, com outra braçada de ex-votos. Eram, agora, mãos, seios, cabeças e pés de cera. Ou por falta de paciência para os desfazer um a um ou por lhe ser anojoso partir

aqueles símiles de membros humanos, que lhe acordariam, porventura, remotas superstições, ele acercou-se do murozito e lançou os ex-votos, de uma só vez, para as profundidades do desfiladeiro. Depois, quedou-se um momento, como eu fizera antes, a contemplar o oceano.

— O senhor gosta disto? — perguntou, voltando-se ligeiramente para mim.

— Isto é bonito — respondi-lhe. — É um magnífico panorama...

Tornou a olhar o mar e a terra, lentamente.

— Sim, não é feio... — murmurou. — Podia ter saído muito melhor, mas, enfim... Já os Romanos gostavam deste sítio. Ninguém o sabe ainda, senão eu, mas a verdade é que houve aqui um crasto. Olhe, acolá, à esquerda, antes de se entrar no adro, se alguém escavar, encontrará restos de sepulturas... E à

praia, lá em baixo, chegaram a vir muitas galeras... Existia, então, um pequeno porto, que o tempo assoreou...

Surpreendiam-me os seus conhecimentos e a propriedade com que falava. Tentei examiná-lo melhor, mas o homem encontrava-se novamente de costas, sempre de olhos fixos ao longe.

— Efectivamente — disse-me, depois — se olharmos bem para a terra, para o mar e para o céu e se pensarmos na grande variedade de seres que há no mundo e em todo este admirável equilíbrio planetário, parece-nos que estamos perante um milagre. Não é assim? A si também não lhe parece o mesmo, quando pensa, por exemplo, nas vidas submarinas?

— Sem dúvida, o mundo é muito variado e...
Ele interrompeu-me:

— Eu sei que todos os homens pensam, so-

bre isto, mais ou menos o mesmo. Um simples insecto, que encontramos num monte e que podemos facilmente esmagar com o pé, se ele não fugir, é capaz de levar-nos a meditar sobre o mistério da criação, é capaz de arrastar o nosso pensamento por caminhos obscuros que, momentos antes, não tínhamos sequer admitido percorrer...

O homem interrogou-me bruscamente:

— O senhor o que é? Qual a sua profissão?

Eu disse-lha e ele pareceu contente:

— Ah, muito bem! Então pode compreender... Não é verdade que o mundo parece feito por uma imaginação portentosa? Por uma inteligência que nenhum homem pode igualar?

— Algumas vezes tenho reflectido sobre isso... — confessei, modestamente.

— Aí está! — exclamou ele. — Aí está! Mas o senhor engana-se! Pelo menos, engana-se em metade...

Aproximou-se mais de mim. Eu estava sentado, ele de pé; eu tinha de olhá-lo de baixo para cima e sempre com receio de que estendesse as mãos e me dominasse.

— Ora diga-me uma coisa... Nunca lhe pareceu que essa inteligência havia ficado a meio do seu trabalho? Que não tinha ido até onde parece que pretendia ir?

— Não sei. A nossa razão tem limites. Para além da nossa razão podem existir outras razões, que não são explicáveis...

— Era aí, justamente, onde eu queria chegar!

Ao dizer isto, o homem sentou-se ao meu lado, dobrando-se levemente para a frente, com os braços apoiados nas pernas e as mãos juntas. A sua voz adquiriu, então, um murmurar de confiança e de quem não sente pressa alguma:

— Tudo correu muito bem, a princípio —

declarou, como se continuasse uma narrativa interrompida. — Eu tinha um poder infinito. E uma imaginação para além de todos os prodígios. Até eu me admiro, hoje, disso. Bastava pensar uma coisa e o meu pensamento materializava-se rapidamente, adquirindo forma e vida. A minha fantasia não encontrava limite algum e os habitantes das profundidades deste mar que estamos vendo o atestam. É um prazer que o senhor não conhece tornar realidade o próprio absurdo. Mas, nesse tempo, também eu não sentia esse prazer; eu não fazia ideia alguma do que era absurdo e do que era lógico, do que era belo e do que era feio, do que era bom e do que era mau. Estas definições só se estabeleceram mais tarde, justamente quando surgiram os limites... Eu criava, criava, como num delírio. E não há dúvida de que a minha principal obra foi isso a que os homens chamam o Universo, a mecânica

celeste, o Infinito... Os senhores andam, com a vossa ciência, a colocar lá algumas balizas, mas é trabalho mais difícil do que se quisessem remover com uma colher de chá a terra de uma montanha...

Enquanto ia falando, o homem olhava para o chão, como se não desejasse ver nos meus olhos o efeito das suas palavras. Depois, mudou o tom de voz:

— Um dia, porém, senti-me decadente. As aves, por exemplo, são um indício do meu declínio. Não sei se o senhor é viajado, se conhece a Ásia e a América, as grandes florestas tropicais onde há aves maravilhosas. Mas se não conhece, não importa; tem visto isso, pelo menos, nos livros com estampas multicoloridas. Parece-lhe — não é verdade? — que há uma diversidade deslumbrante, uma fantasia inesgotável no mundo das aves. Pois não é assim! Se observar bem, verá que não é assim.

A minha imaginação havia já começado a diminuir, começava já a aproximar-se do que viria a ser a imaginação dos homens. Criei um pássaro e os outros foram apenas variantes. Utilizei o primeiro modelo e fi-lo de todos os tamanhos, desde a avestruz, tão grande que pode ser cavalgada, até o colibri, que, de minúsculo, se confunde com um insecto. A seguir, fi-lo de todas as cores e com todas as combinações de cores. Depois, em vez de criar, pus-me a exagerar determinadas parcelas do que já havia feito. E cheguei, assim, até a caricatura da minha própria obra. A algumas das aves limitei-me a esticar-lhes as pernas, as caudas ou os bicos, de tal forma que estes ficaram grotescos e muito maiores do que o corpo. A outras dei-lhes uma amplitude de asas de que não careciam ou deixei-lhes apenas uns simples cotos. Variei-lhes, também, o fulgor dos olhos e a composição

dos seus gorjeios, deixando umas eternamente mudas e obrigando outras a cantarem até na hora da morte. Mas tudo isso eram simples pormenores, porque, no fundo, a ave, a ideia fundamental, eram a mesma. Eu parecia um desses artistas que realizou, certo dia, uma descoberta feliz e passou, depois, o resto da vida a lutar desesperadamente para dar a ilusão de que não se repetia, quando, em realidade, não fazia outra coisa senão plagiar-se a si próprio...

O homem calou-se subitamente e, soerguendo a cabeça, olhou-me pela primeira vez, desde que se havia sentado.

— O senhor está a pensar que sou um louco, não é verdade?

Foi então que, por meu turno, baixei os olhos, admitindo de novo que ele poderia, em qualquer momento, lançar-me por cima do murozito de resguardo, como fizera aos ex-votos.

— Não, senhor. Estou a ouvi-lo com muito interesse. O que acontece é que se vai fazendo tarde...

Ele examinou atentamente o céu, como se medisse o Tempo:

— Não, tarde não é... São apenas cinco horas... Dê cá um cigarro.

Passei-lhe o maço, meteu-lhe os dedos, riscou, devagar, um fósforo, soltou o fumo e tornou:

— Com o mundo vegetal aconteceu a mesma coisa. O que é uma árvore? O que é uma planta? Uma raiz metida na terra. Para evitar a monotonia, tive de dar variedade às folhas, às flores, aos frutos e aos aromas. Mesmo aos troncos. Mas, apesar de tudo, é sempre uma raiz metida na terra. Ora não era isso que eu queria. Eu não queria o mundo submetido a uma repetição perpétua. Eu desejava que ele se modificasse constantemente. O senhor já

pensou que poderiam perfeitamente existir bosques aéreos e que o homem deveria andar no fundo dos mares ou no espaço celeste com tanta facilidade como anda aqui na terra? O senhor não vê que os homens estão todos os dias a procurar corrigir os defeitos do meu trabalho? O que é um avião ou um escafandro senão um remendo à minha obra? Mesmo os que me adoram, passam a vida a discordar de mim e a tentarem emendar o que eu fiz. Quando imploram as minhas graças para as suas infelicidades, não fazem, no fundo, outra coisa do que censurar-me, pois o que é uma súplica senão uma revolta que não se pode exteriorizar? — Sorriu vagamente e ajuntou. — Só não me amaldiçoam porque ainda me julgam mais forte do que eles...

Voltou a calar-se. Depois, calcou o cigarro, ainda quase inteiro, e, com um tom doce, melancólico, confessou:

— Eles têm razão, coitados! Sucumbi antes de realizar integralmente a minha obra. O que devia ser mutável tornou-se imutável e as leis que ficaram a reger o mundo são impiedosas. Eu só me lembrei de criar o homem muito tarde. Já havia feito os outros animais, já havia mesmo esgotado toda a fantasia no exagero dos pormenores, quando me ocorreu uma outra variante. A minha tendência fora, até aí, dar aos bichos quatro apoios sobre a terra ou sobre as árvores. Pois bem! Aos novos seres eu daria, como às aves, apenas duas patas. Mas o senhor não pode imaginar o que senti ao ver de pé, entre os outros, o novo casal. Eu estava a criar o canguru e tão impressionado fiquei que lhe pus logo mais dois embriões de pernas e deixei-o incompleto para todo o sempre. No meio dos outros bichos, que se moviam alegremente, com jubilosos ruídos na manhã da sua vida, o homem e a

mulher, únicos que eram verticais, dir-se-iam dois pinguins entre um bando de pássaros chilreantes. Ele olhava ao longe, sem saber como orientar-se. Mostrava-se tão triste, tão incerto no seu destino, que tive de repente pena dele. Porque fora talhado ao alto, o seu próprio sexo se apresentava menos oculto do que o dos outros animais e parecia vexá-lo. No ocaso do meu poder, eu começava a atribuir, por fraqueza imaginativa, diferentes funções a um mesmo órgão. Para as aves bastara-me um tubo de vazão; para os outros viventes criei, inutilmente, dois — e ao segundo impus uma dupla utilidade. Quando verifiquei o erro, era demasiado tarde: dali em diante, a própria vida humana brotaria de um cano de esgoto. Assim, a piedade que eu sentia pelo homem ia-se tornando cada vez maior. Hesitei um momento e decidi: «É a este que eu me darei. É a este que eu darei o que ain-

da resta de grande em mim.» E fundi a minha decadência, o crepúsculo da minha potestade, naquele melancólico animal. Foi outro erro, o meu maior erro. O homem ficara com todas as aspirações de um deus e não era completamente deus. Surgiram, devido a isso, inúmeros conflitos. O homem queria ser eterno como o deus que ele guardava dentro de si e era, pelo contrário, tão efêmero como os outros animais. Queria ser feliz, impelido por aquela obscura reminiscência de quando uma parte dele me pertencia a mim, sua divindade, e havia de passar milênios sobre milênios a lutar para ser feliz, sem nunca o poder ser por muito tempo. Só o era integralmente por alguns minutos e justamente quando fecundava novas dores humanas. Eu havia-o deixado tão desamparado e com tantos problemas a resolver, que a própria caverna, em vez de ser apenas um ponto de partida, foi, ao con-

trário, um ponto de chegada — a sua primeira conquista. O mundo ficara imperfeito e o homem com uma ânsia de perfeição impossível. O mundo ficara incompleto, injusto e sem finalidade visível e o homem deu-se a lutar para que o mundo tivesse para ele tudo aquilo que o mundo não tinha. Quando não pode lutar de outra maneira recorre às hipóteses. São as hipóteses que o têm amparado desde que ele vive. Eu sinto remorsos, creia, por tudo quanto fiz... Sinto especialmente remorsos por tudo quanto não cheguei a fazer.

O meu interlocutor levantou-se, meteu as mãos nos bolsos e caminhou, como oprimido, até a extremidade do muro que nos protegia do abismo. Vi-o olhar lá para baixo, para os destroços dos ex-votos, vi-o, depois, estender a vista até ao mar e, em seguida, voltar-se para mim:

— Então, eu próprio comecei a lutar tam-

bém contra a minha obra. É claro que, ao fundir-me no primeiro homem, fiquei mortal como ele. Mas gozo, ao contrário dos outros, o privilégio de guardar memória das muitas vidas que tenho vivido. Lembro-me de tudo desde o começo do Tempo, desde que fiz o mundo. E nisso está o meu principal sofrimento, porque a memória, para quem praticou o mal, é, como se sabe, o maior castigo que existe. Sofro ainda porque os homens levam, às vezes, milhares de anos para acreditar no que é evidente. Quando lhes digo a verdade, eles maltratam-me. Quando lhes grito, por exemplo: «O mundo está mal feito e é preciso, dentro das vossas possibilidades humanas, corrigir o mundo» — os mais fracos, os mais ingênuos, ficam a olhar para mim, duvidosos ainda sobre se é ou não verdade o que lhes digo, enquanto os mais fortes mandam imediatamente perseguir-me. Se, para me defen-

der, declaro: «Tenho a certeza de que está mal feito, pois fui eu próprio quem o fez» — então consideram-me louco, bruxo, herege, visionário, e perseguem-me da mesma maneira. Poucas vezes tenho morrido na cama, como morrem os generais e a maioria dos outros homens. Ao contrário, tenho sido esartejado, queimado vivo, crucificado, enforcado, fuzilado, guilhotinado, electrocutado e gaseado. A cada uma das minhas vidas foi sempre aplicada a moda a que cada época e cada povo obedecem para matar os seus inimigos. Disso não tenho que me queixar... — acrescentou com um sorriso. — Há pouco, contei-lhe que, ali, à entrada do adro, se encontra um velho cemitério romano. Decerto, o senhor não acreditou. Compreendo perfeitamente: no seu lugar, eu também duvidaria. Mas pode ter a certeza de que estou lá... Ou, se já não existe resíduo algum do meu corpo

de então, deve estar lá, pelo menos, uma fíbula que eu usava nesse período. Enterraram-me ali depois de me terem supliciado brutalmente, só por eu haver dito que, como criador que fora do mundo, vivia a penitenciar-me do meu tremendo erro. Eles julgaram que eu pretendia, com isso, ser mais importante do que o imperador de Roma e liquidaram-me...

Um bando de gaivotas ladeou a colina, sobrevoando a praia. A luz ia diminuindo de intensidade e dando cores suaves aos arredores da capelinha, ao próprio adro, onde a voz do homem prosseguia:

— Se eu lhe contasse o que observei e sofri através dos Tempos! Mas nunca mais acabaria e vejo que o senhor está com pressa... O que me valeu nos últimos séculos foi a intervenção da tipografia. Sem isso, teria sofrido ainda mais, dado que as minhas últimas

vidas passei-as, quase inteiramente, nas prisões. Assim, sempre arranjo alguma coisa para ler. Tenho lido muito, muito; desde há quatrocentos anos quase não faço outra coisa. Por um lado, a leitura distrai-me, leva-me a esquecer a cadeia; por outro, tortura-me, pois é pelos livros dos homens que eu vejo, sobretudo o drama que criei... Ultimamente, lá no manicómio, só queriam dar-me livros optimistas, livros *em prol*. Os médicos afirmavam que essas obras não me despertariam ideias sombrias... Mas eu protestei imediatamente...

— Ah, o senhor esteve no manicómio? — perguntei, de modo tímido.

— Estive — respondeu-me ele, com naturalidade. — Não tenha medo de me ofender, pois desde o princípio adivinhei que o senhor pensa que eu sou um louco. Não me ofende nada... Todos têm pensado de mim a mesma coisa, já lhe disse. Estive e lá estaria ainda

se, ontem, não tenho conseguido fugir. Estava lá ia já para oito anos. E sabe porquê? Porque, um dia, entrei numa igreja e gritei aos crentes que se encontravam ajoelhados: «Não vos resigneis, pois o mundo que eu fiz é muito imperfeito e, portanto, precisa mais do vosso esforço do que da vossa resignação. Imperfeito há-de ele ser sempre e vós também; contudo, em muita coisa podeis aperfeiçoar o mundo e a vós próprios. Mas não é de joelhos que o fareis; é de pé e a lutar! Quem vos fala já foi Deus e sabe por que fala assim...»

O homem olhou-me, como se, desta vez, lhe interessasse conhecer a minha reacção. Vendo que eu continuava calado, teve um sorriso melancólico e continuou:

— O que fui dizer! Só as imagens dos santos ficaram impassíveis... Mas o Cristo, no altar-mor, parecia contemplar-me meigamente, com um ar secreto de cumplicidade. Dos fiéis,

uns olhavam para mim, scandalizados, outros faziam esforços para não se rir... Junto do altar da Senhora dos Aflitos encontrava-se, ajoelhada, uma pobre mulher, a única que, naquela manhã, estava ali com verdadeira unção. Ela tinha um filho à morte e não tinha recurso algum, nem para o médico, nem para os medicamentos — para nada. Viera ali pedir ao céu que lhe salvasse o filho, pois era o céu a última esperança que lhe restava. Senti tanta pena por essa mãe infeliz, que me aproximei do altar, estendi os braços para a imagem da Senhora dos Aflitos e tirei-lhe do pescoço um dos muitos cordões de ouro que os devotos lhe haviam oferecido. Quis entregá-lo à mulher, dizendo-lhe: «Vende-o e vai a correr chamar o médico!» Mas a mulher, depois de limpar as suas lágrimas, encarou-me com repugnância, como se eu fosse o próprio diabo — e recusou o cordão. Teimei: «Despacha-te senão o teu

filho pode morrer!» Ela continuou a recusar e a olhar-me com desprezo. Então, sempre com piedade por ela e pelo filho, resolvi mentir: «Anda! Pega lá! Não tenhas escrúpulos! Eu sou o instrumento de que Nossa Senhora dos Aflitos se serviu para te ajudar.» Ela hesitou um momento. Olhou a imagem, olhou para mim, mas não cheguei a saber se se havia decidido a aceitar aquilo. A igreja enchera-se de gritos: «É louco! É louco! É ladrão! É ladrão! Quer roubar a Nossa Senhora dos Aflitos!» Um polícia que estava também ajoelhado, levantou-se, avançou para mim, tirou-me o cordão e pô-lo, de novo, ao pescoço da imagem. Depois, ordenou-me que saísse na sua companhia... O senhor está a ver o que aconteceu... Se, ontem, não apanho um guarda distraído e não salto o muro, não estaria agora aqui a falar consigo...

Ofereci-lhe outro cigarro. Ele recusou-o com um gesto.

— São horas de nos irmos embora — disse, empregando o plural, como se estivesse certo de que eu partiria, com ele, do Senhor dos Navegantes. Realmente, eu deixara de o temer.

Atravessámos o adro. Ao passarmos junto do local que ele me dissera haver sido um cemitério romano, vi-o deter-se. Os seus olhos pareciam buscar, sob as plantas silvestres, um determinado sítio. Encontrou-o, decerto, porque vergando a cabeça, gritou para dentro da terra:

— Cá estou! Ouves? Cá estou e vou continuar a lutar!

F E R R E I R A D E C A S T R O

O SENHOR
DOS NAVEGANTES

A minha fantasia não encontrava limite algum
e os habitantes das profundidades deste mar
que estamos vendo o atestam.

86

Apoio:



INSTITUTO DE ESTATÍSTICA NACIONAL E DE IRI

Patrocínios:

